

DISCURSO DE POSSE

JERSON LIMA DA SILVA

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

JULHO DE 2011

**Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de
Medicina Acadêmico Professor Pietro Novellino;
Excelentíssimos Senhores Membros da Diretoria;
Excelentíssimo Senhor Deputado Alexandre Cardoso,
Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro
Excelentíssimas Autoridades que compõem a Mesa;
Excelentíssimas Senhoras Acadêmicas e Senhores
Acadêmicos;
Excelentíssimas Senhoras e Senhores Convidados;
Meus queridos e ilustres amigos, meus familiares.
Meus queridos pais Hugo Benedito da Silva e Janete Lima da
Silva
Meus amados Filhos, Juliana, Estevão, Vitor e Ana Luisa
Minha querida e amada esposa, Débora**

INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTO

É com grande honra e júbilo em que venho ocupar este nobre púlpito para discursar conforme é a tradição desta egrégia e centenária Academia. Prometo não me alongar muito, mas tentarei transmitir este misto de razão e emoção que me invade ao ingressar nesta Academia, uma emoção determinista melhor traduzida nas palavras de Espinoza, “o que acontece conosco, acontece por uma razão”. Já vislumbro parte desta razão ao ver esse quadro celestial emoldurado nesta congregação de amigos antigos, amigos novos, meus mestres, meus alunos, minha família. Agrego a esta tela aqueles que já não estão mais entre nós, como o Professor Gregorio Weber, meu mentor na Universidade de Illinois e

que o dia de ontem, 4 de julho, registrou 95 anos de seu nascimento.

Muito emocionado, as primeiras palavras desta oração, são de sinceros agradecimentos a cada um de vocês, a todos vocês. E este andar acadêmico não seria possível se não fosse a intervenção quase-divina de dois cientistas que me iniciaram na carreira científica, o primeiro, o meu orientador de iniciação científica, monografia do internato e da tese de doutorado, o **Professor Sergio Verjovski de Almeida**; o segundo, o **Professor Leopoldo de Meis**, Membro Honorário desta Academia, que fundou o Instituto de Bioquímica Médica, antes um departamento com uma dezena de docentes, hoje um prestigioso instituto com mais de 60 professores. Seguindo os passos do Acadêmico Carlos Chagas Filho, Leopoldo de Meis, concursado Titular no Departamento de Bioquímica Médica em 1978, migrou do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho levando um grupo de três professores, ao qual se juntou no ano seguinte, Sérgio Verjovski de Almeida. Quis o destino, perdoem-me o determinismo espinosista, que ao assistir uma aula do Professor Lacaz, e ao comentar a minha incerteza com relação à medicina e o desejo de fazer pesquisa, ele e sua filha me recomendaram que eu procurasse o Professor Leopoldo. Assim o fiz, e Leopoldo, imbuído da missão de constituir um grupo de excelência, me indicou o jovem professor Sergio Verjovski de Almeida, que acabava de retornar de um pós-doutorado nos Estados Unidos.

Agradeço a todos os meus professores daquele departamento e aos da instituição mãe, Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, cumprimento que faço aos integrantes deste instituto nos nomes

dos Acadêmicos Antonio Paes de Carvalho, Gilberto de Oliveira Castro, Wanderley de Souza, Marcelo Barcinski e Anibal Gil Lopes.

Aproveito também para agradecê-los pelo grande incentivo para concorrer à cadeira 84, agradecimento que estendo à Acadêmica Eliete Bouskela e aos Acadêmicos, Marcos Moraes, Anibal Gil Lopes, Sergio Augusto Pereira Novis e Roberto Soares de Moura, membros da comissão que me introduziu ao salão. Agradeço ao Acadêmico Wanderley de Souza, que me brindou com esta generosa saudação de ingresso a esta centenária Academia.

Para este empreendimento de ingresso à Casa Maior da Medicina brasileira, também contei com o estímulo e apoio de dezena de Acadêmicos. Impossibilitado de citar todos, cumprimento e agradeço aos Acadêmicos Umberto Perrota, Orlando Marques Vieira, Clementino Fraga Filho, Julio Studart de Moraes, em nome de todos os mestres e colegas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os ex-presidentes SERGIO D'AVILLA AGUINAGA e ANTONIO LUIZ DE MEDINA; a Acadêmica Emérita LÉA COURA e o Acadêmico FRANCISCO SAMPAIO, em nome de todos os acadêmicos da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina.

Inicialmente com o nome de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a Academia Nacional de Medicina foi fundada em 30 de junho de 1829 sob a presidência de Joaquim Candido Soares de Meirelles, e passa um ano mais tarde, por decreto do Imperador, a se chamar Academia Imperial de Medicina. Em 1989, com o advento da República, passou a se chamar Academia Nacional de Medicina. Ao longo da sua história, 645 ilustres professores e médicos tiveram o privilégio de ingressar nesta casa.

O meu convívio mais intenso com a Academia Nacional de Medicina ocorreu nos últimos 18 meses. Pude ingressar em um mundo totalmente novo, intelectualmente rico e, porque não dizer, mágico, que me levou a postular o ingresso nesta casa. Muito além do rito da candidatura para o ingresso como Acadêmico, essa agradável convivência iluminou a minha busca pelo significado da experiência humana.

Ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, sempre procurei o conhecimento e o saber; e tive a sorte de ser guiado nessa busca por sábios e generosos Mestres. E, mais uma vez, fui afortunado de ter o enriquecedor contato com cada um dos membros titulares desta Academia. Deliciei-me com depoimentos que, com grande erudição, englobaram os mais variados temas das ciências médicas, gestão pública, filosofia, literatura, entre outros. Estes relatos, bem como as discussões nas sessões desta casa, que tive a honra de assistir, contribuíram para mostrar a importância de se encurtar a distância entre Ciência e Humanidades, algo que deve ser sempre buscado como bem ilustrado pelo cientista e escritor C. P. Snow (Charles P. Snow), em 1959, em conferência em Cambridge, intitulada “Two Cultures”. Cito este autor por considerar emblemática a atuação dos Acadêmicos em responderem ao desafio de tornarem mais humanas as ciências médicas. Jamais esquecerei a brilhante e memorável conferência sobre Snow e sobre a dualidade dos Saberes das Ciências Empíricas e das Humanidades proferida pelo Acadêmico, Padre Anibal Gil Lopes.

DO PATRONO E DOS QUE OCUPARAM A CADEIRA 84

Faz parte da tradição desta casa que um novel Acadêmico lembre e homenageie os seus predecessores na cadeira que virá a ocupar. No meu caso, sou recipiendário da cadeira número 84. A evocação destas brilhantes personalidades nos remete ao verdadeiro sentido da imortalidade acadêmica. O poeta austro-húngaro Rainer Maria Rilke nos dá um sopro sábio e angelical sobre a imortalidade, na primeira de suas Elegias de Duíno:

“E o estar-morto é penoso e pleno de tentativas para chegar a sentir, enfim,

um pouco de eternidade.

– Mas os vivos cometem,

todos, o erro de distinguir em demasia.

Os anjos (dizem) muitas vezes não sabem se andam entre vivos ou mortos.

A torrente eterna

arrasta todas as idades pelos dois domínios,

para sempre e, nos dois, os sobrepuja.”

(Rilke, Rainer Maria, 1875-1926. Os sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno; tradução e seleção Karlos Rischbieter e Paulo Garfunkel; Record 2002).

Rilke traduz bem o sentido da eternidade do todo, neste caso a nossa Academia, mesmo composta de seres e coisas efêmeras. Os ocupantes da Cadeira n^o 84 a alumiam com o fogo eterno da imortalidade e marcaram, com suas biografias, a Medicina nos últimos cem anos. Destaco quatro desses ilustres acadêmicos, **Manoel de Abreu**, seu patrono, **Lauro Sollero**, **Luiz Renato Caldas** e **Pedro Clovis Junqueira**, seus três últimos ocupantes.

Mais do que ter ocupado a mesma cadeira nesta distinta Academia, esses quatro eminentes Acadêmicos compartilharam o

atributo de estar à frente de seus tempos nas especialidades da Radiologia, Farmacologia, Radiologia e Hematologia, respectivamente.

Início essa saudação pelo Acadêmico Manoel de Abreu, patrono da cadeira 84, que já lhes antecipo foi quem desenvolveu a Abreugrafia, o que por si só ilustra a importante contribuição para a medicina deste célebre antecessor. Manoel de Abreu nasceu em São Paulo a 4 de janeiro de 1892. Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro em 1913. Em 1914, com apenas 22 anos, parte para a França para aprofundar os seus estudos médicos. Em Paris, o jovem brasileiro começa a trabalhar no mais antigo hospital da cidade, o Hotel-Dieu, onde sofre a influência do despertar da ciência radiológica que teve seu início com a descoberta dos raios-X por Wilhelm Conrad Röntgen em 1895.

Faço uma pequena digressão para salientar que 2011 é o Ano Internacional da Química que homenageia o 100º aniversário do Prêmio Nobel de Química atribuído a Marie Curie em 1911, em reconhecimento à sua descoberta dos elementos rádio e polônio. A Dra. Curie já havia sido laureada com o Prêmio Nobel de Física (dividido com seu marido, Pierre Curie, e com Becquerel), pelas suas descobertas no campo da radioatividade. As descobertas de Marie Curie tiveram um grande impacto na Medicina, especialmente na Radiologia e Medicina Nuclear.

Na Paris do início do Século XX, sob grande efervescência científico-intelectual, Manoel de Abreu, começou a utilizar esta infante ciência para o diagnóstico de tuberculose, diagnosticando-a, muitas vezes, mesmo quando, ao exame clínico, esta enfermidade

parecia estar ausente. Vislumbrando o talento do jovem brasileiro, o professor Gilbert Ihe confia a chefia do Laboratório Central de Radiologia do Hôtel-Dieu. Em seguida, como assistente do professor Maingot no Hospital Laennec, o jovem doutor aperfeiçoou-se na radiologia pulmonar se especializando no desenvolvimento da densimetria. É exatamente neste momento, em 1919, que o também poeta e sonhador Manoel de Abreu tem a inspiração de tentar visualizar, pela primeira vez, a fotografia da tela fluorescente, método que depois foi aperfeiçoado para realizar exames do tórax em larga escala e com baixo custo.

Em 1922, Manoel de Abreu retorna ao Brasil e encontra a cidade do Rio de Janeiro assolada por uma epidemia de tuberculose, cenário apropriado para os seus estudos de radiologia.

Foi eleito muito jovem, em 1928, para a Academia Nacional de Medicina, ocupando a vaga do acadêmico Wernek Machado. Mais tarde, em abril de 1944, transfere-se para a Secção de Ciências Aplicadas à Medicina, ocupando a cadeira 84.

Em 1936, consegue as primeiras fluorografias com suficiente nitidez. Seu método passa a ser industrializado pela Casa Lohner, com o nome de Abreugrafia, que se difunde rapidamente no Brasil e no exterior.

A importância de sua obra rendeu-lhe inúmeras homenagens no Brasil e no exterior, além de tê-lo conduzido à criação da Sociedade Brasileira de Abreugrafia em 1957 e à publicação da “Revista Brasileira de Abreugrafia”.

Se C. P. Snow tivesse conhecido Manoel de Abreu, afinal foram contemporâneos, teria usado o seu exemplo como Médico e Cientista Humanista. Manoel de Abreu escreveu poesias e

trabalhos em filosofia, além de ter contribuído com inovações em outras áreas, como a hidráulica. Em seus escritos encontramos a sua opinião sobre o papel social da ciência e destaco um texto seu que resume esse sentimento: *"No valor da ciência, está o valor da vida; fora da vida, a ciência não tem a menor finalidade"*.

Parafraseando a música Fado Tropical de Chico Buarque e Ruy Guerra, Manoel de Abreu "NÃO trazia as mãos distantes do seu peito; É que NÃO havia distância entre intenção e gesto". Prova disso, é que abriu mão da patente que lhe garantiria enormes lucros sobre a venda dos aparelhos de abreugrafia, pois desejava que seu processo diagnóstico estivesse disponível para um número maior de pessoas. Em suas próprias palavras percebe-se a grandeza do homem que foi Manoel de Abreu: *"Eu vejo no horizonte a única porta aberta para o futuro, a da ciência (...) As grandes descobertas da medicina foram realizadas por seres sonhadores, sublimes, inspirados pelo amor"*. De acordo com alguns levantamentos históricos, seu nome foi indicado ao Comitê do Prêmio Nobel em Fisiologia e Medicina. Em reconhecimento à sua obra, o dia de seu nascimento, 4 de janeiro, foi instituído no Brasil como o dia nacional da abreugrafia.

Manoel de Abreu faleceu em 30 de abril de 1962.

O meu saudoso Professor de Farmacologia, Lauro Sollero, ocupou a cadeira nº 84 em setembro de 1979.

Lauro Sollero nasceu em 23 de janeiro de 1916 em Minas Gerais. Dotado de grande personalidade, idealismo e determinismo, veio para o Rio de Janeiro em 1933 para prestar exame de ingresso ao curso médico. Tendo logrado êxito nesse primeiro ideal, já no

primeiro ano da Faculdade de Medicina, conhece o Professor Pedro Pinto, tornando-se então seu monitor na cadeira de Farmacologia. É neste Departamento que o Acadêmico Sollero forma-se médico em 1940, e faz toda a carreira acadêmica, chegando a Professor Catedrático. A leitura de sua biografia me traz lembranças da minha história, 40 anos depois, na Bioquímica da UFRJ, como descreverei mais adiante.

Lauro Sollero foi Diretor do Instituto de Ciências Biomédicas, Vice-diretor da Faculdade de Medicina e Decano do Centro de Ciências da Saúde da nossa Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi um grande formador de cientistas talentosos, entre eles o acadêmico, e atual Magnífico reitor da UEZO, Professor Roberto Soares de Moura. Também criou o curso de pós-graduação em Farmacologia, um dos primeiros da área no Brasil.

O Professor Sollero nos deixou precocemente em setembro de 1982, ainda com 66 anos.

Em julho de 1983, o Professor Luiz Renato Carneiro da Silva Caldas é empossado na cadeira 84. O Acadêmico Caldas nasceu em 15 de julho de 1929 em Quissamã, no Estado do Rio de Janeiro. Filho de um conceituado médico, Caldas teve uma educação exemplar. Em 1948, inicia seu curso médico na Faculdade Nacional de Medicina e, à semelhança de Sollero, já encontra, no primeiro ano desse curso, um Mentor, o Professor Carlos Chagas Filho. Muito impressionado com sua prova de Biofísica, o Professor Chagas o convida para trabalhar no Instituto de Biofísica. Neste mesmo ano, 1948, começam as suas atividades de Iniciação Científica, uma invenção do Professor Carlos Chagas Filho, três

anos antes da criação do CNPq e da CAPES. O Instituto de Biofísica, comandado por Carlos Chagas Filho, engendrava a Ciência bem como formas de fazê-la institucionalmente, formas essas que foram difundidas para todo o país. Para o Dr. Carlos Chagas Filho, o talento não tinha local de nascimento e nem idade. Ainda durante o curso médico, apresenta Caldas a eminentes pesquisadores estrangeiros, como o cancerologista Antoine Lacassange e o radiobiologista Raymond Latarjet. Caldas, recebe, então, o convite do Professor Latarjet para estagiar durante um ano em Paris no hoje Instituto Curie.

Em 1951, retorna para o Rio de Janeiro, e passa a se envolver cada vez mais em pesquisas no Instituto de Biofísica, bem como no Serviço de radiologia do Hospital dos Servidores do Estado. Ao formar-se em 1954, passa a dedicar-se cada vez mais a inúmeros temas da Biofísica Molecular e da Radiobiologia. Defende as teses de doutoramento e de livre-docência na área de Radiobiologia. Inicia a carreira docente como professor adjunto da UFRJ. Em paralelo, é admitido por concurso público no Hospital dos Servidores, onde galga a Chefia do Serviço de Radioterapia.

Essa dupla atuação, na pesquisa e na clínica radiológica, o leva para uma posição única, tendo participado da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Sua veia administrativa o levou a alcançar várias posições de representação e de direção na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre elas destaque a de Sub-Reitor de Ensino para Graduados e Pesquisa, e de Reitor, entre 1977 e 1981.

Em 5 de maio de 1983, é eleito membro titular da Academia Nacional de Medicina, e há exatos 28 anos, em 5 de julho de 1983,

toma posse, sendo recebido por seu mestre acadêmico Carlos Chagas Filho.

O Acadêmico Luiz Renato Caldas faleceu em 22 de setembro de 1991.

O Professor Pedro Clovis Junqueira ingressou nesta casa em 17 de novembro de 1992. Nasceu em 2 de junho de 1916 em São Luis do Maranhão. Ainda jovem, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Apesar de seu pai apostar que o filho seguiria a carreira do comércio, Pedro Clovis Junqueira resolveu abraçar a carreira da medicina, curso no qual se formou em 1939. Ainda no curso secundário, foi colega do Professor Clementino Fraga Filho no Colégio Santo Inácio.

Seguindo a linhagem intelectual dos Acadêmicos que o precederam, Sollero e Caldas, o acadêmico Pedro Junqueira era um homem de grandes idéias e que se aplicava diligentemente em realizá-las. Soube combinar sabiamente a pesquisa com a prática médica, e foi o grande pioneiro da Hemoterapia no nosso país.

Após terminar o curso médico, fez o curso de pós-graduação em Saúde Pública, no Instituto Oswaldo Cruz. Logo em seguida, neste mesmo instituto, estagiou por dois anos na Seção de Hematologia, chefiada por Walter Oswaldo Cruz, um dos maiores formadores de cientistas do Brasil, incluindo o meu Mestre Leopoldo de Meis.

Publicou dezenas de trabalhos científicos e foi autor de muitos livros. Cabe destacar as obras: “O Essencial de Transfusão de Sangue” e “Uso Racional da Hemoterapia. Foi professor da Universidade do Estado da Guanabara - atual UERJ, da UFRJ e

PUC-RJ. Na UFRJ, foi convidado pelo Acadêmico Professor Clementino Fraga Filho para implantar e dirigir o Serviço de Hemoterapia do Hospital Universitário

O Professor Pedro Junqueira soube unir a arte da boa pesquisa, da formação de recursos humanos e da excelente prestação de serviço médico para a população. Pedro Junqueira faleceu em 8 de outubro de 2010. Mas nos deixou um legado precioso de realizações, de saber médico e de atitude ética na Medicina, legado este que pretendo continuar a perseguir

Para encerrar essa breve homenagem aos que me antecederam nesta cadeira, cito aqui um trecho de Marcel Proust, um dos meus autores preferidos, bem como de alguns acadêmicos, como o Dr. Jayme Brandão de Marsillac:

“Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação” (Marcel Proust, 1871-1922, Em Busca do Tempo Perdido – No Caminho de Swann – Tradução Mario Quintana, Editora Globo).

DOS MEMBROS DA COMISSÃO

É também tradição desta casa, ter uma comissão que introduz o novel Acadêmico ao Salão. Quando pensei inicialmente nos nomes para levar ao Presidente, a lista foi crescendo fermentada por um sentimento de irmandade com os meus futuros confrades.

Tive que escolher seis Acadêmicos, mas gostaria que cada um dos meus antigos e mais novos amigos se sentissem como parte dessa comissão, da mesma forma que me sinto muito bem aceito neste palácio do saber.

A Acadêmica ELIETE BOUSKELA é uma amiga que vim a conhecer quando passei a integrar a diretoria da FAPERJ, onde atuou como Coordenadora de Área e integra atualmente o Conselho Superior. Professora Titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Eliete é uma talentosa pesquisadora nas áreas de Fisiologia da Microcirculação e seu trabalho teve um grande ímpeto nos últimos cinco anos com a migração da sua pesquisa para estudos clínicos, um grande modelo de medicina translacional.

O Acadêmico MARCOS FERNANDO DE OLIVEIRA MORAES é um homem de grandes idéias e realizações. Todos nós o conhecemos pela excelência na Cirurgia e na gestão e administração do INCA, na criação da Fundação Ary Frauzino para Pesquisa e Controle do Câncer (hoje Fundação do Câncer) e muitos outros projetos. Menos conhecida é sua ação recente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde criou e coordena o Programa Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão em Biologia do Câncer (Programa de Oncobiologia) que está vinculado ao meu Instituto, o Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Este programa tem um amplo caráter interinstitucional, reunindo pesquisadores e médicos das Universidades Federal do Rio de Janeiro, Federal Fluminense, Estadual do Rio de Janeiro e do Instituto Nacional do Câncer.

O Acadêmico MARCELLO ANDRÉ BARCINSKI foi meu Professor de Biofísica no primeiro ano do curso médico. Recordo até hoje de suas aulas sobre membranas biológicas, nas quais discorria com grande erudição não só dos aspectos biológicos como físico-químicos. Quando retornei dos EUA pela primeira vez em 1987, apresentou-me o Professor Hélio Gelli Pereira com quem tive grande colaboração em diversos temas na área de Virologia Humana e que me sugeriu de trabalhar com príons, hoje uma das principais linhas de pesquisa em meu laboratório.

O Acadêmico SÉRGIO AUGUSTO PEREIRA NOVIS foi meu Professor de Neurologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lembro-me de tê-lo procurado no serviço de Neurologia quando, junto com o Professor Hélio Gelli Pereira, iniciamos o planejamento de um projeto na área de Encefalopatias Espongiformes Transmissíveis causadas por príons. Tivemos todo o seu apoio e interesse. O Professor Sérgio Novis é um grande especialista em doenças neurodegenerativas, tema de grande interesse do meu grupo de pesquisa.

O Acadêmico ROBERTO SOARES DE MOURA também é um amigo recente ligado à minha atividade na FAPERJ. Além de Reitor da UEZO, o Professor ROBERTO SOARES DE MOURA é membro do Conselho Superior da FAPERJ, onde atua com grande dedicação. Atua com excelência nas áreas de Farmacologia Cardiovascular e de Plantas Medicinas, onde destaco a sua

produção acadêmica tanto através da publicação em periódicos indexados como no depósito de patentes.

O meu contato com o Acadêmico ANIBAL GIL LOPES iniciou-se quando ele assumiu o cargo de Diretor do Instituto de Ciências Biomédicas. Na época, eu era Chefe de um dos Departamentos do Instituto, o de Bioquímica Médica. Eram anos difíceis, de recursos mais escassos para a pesquisa e também para atividades de ensino de graduação e de pós-graduação. E é exatamente nestes momentos de escassez, que o talento e a fidalguia de um bom administrador se revelam, o que foi o caso do meu amigo Acadêmico Padre Anibal Gil Lopes.

DO ACADÊMICO QUE ME ENTREGOU O DIPLOMA

O Acadêmico JOSÉ RODRIGUES COURA, que me entregou o diploma nesta cerimônia de posse, foi meu Professor na Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias no curso médico. O seu profícuo trabalho na área de Doenças Negligenciadas, particularmente em Malária e Doença de Chagas, é um exemplo da excelente combinação de técnicas modernas laboratoriais com a clínica médica.

DO ACADÊMICO WANDERLEY DE SOUZA QUE ME FEZ A SAUDAÇÃO

Tive a inestimável honra de ser saudado nesta Casa pelo Acadêmico WANDERLEY DE SOUZA. Eu o conheci em 1979,

quando administrou uma aula de demonstração da utilização da microscopia eletrônica na Disciplina de Biofísica para alunos do primeiro semestre do Curso Médico. Essa aula ficou marcada de forma indelével na minha memória (como os biscoitos “Madeleine” de Proust). Ver o entusiasmo daquele jovem Professor pelas estruturas celulares e sub-celulares que eram retratadas por feixes de elétrons e projetadas na tela do microscópio eletrônico ainda paira na minha memória. Os olhos de Wanderley brilhavam intensamente, certamente como os de Manoel de Abreu quando viu a projeção dos raios-X na tela fluorescente. De acordo com o eminente cientista Louis Pasteur “Maravilhar-se é o primeiro passo para o descobrimento”. E Wanderley estava maravilhado ao estudar a intimidade das células.

Como aluno de iniciação científica, já ouvia os comentários do brilhantismo do jovem pesquisador, que aliado à sua capacidade de trabalho incessante, o tornou em um dos maiores cientistas do Brasil. Infelizmente o tempo não me permite detalhar a sua obra científica. Se formos usar os parâmetros da cienciometria, Wanderley tem números impressionantes, mais de dez mil citações de suas centenas de trabalhos publicados. E não menos importante, é que formou cerca de 50 doutores que, distribuídos pelos quatro cantos do país, difundem a arte da microscopia eletrônica. E se nós começarmos a falar de suas atividades de administrador e gestor de Ciência e Tecnologia, vamos ter certeza de que o relógio de Wanderley é ajustado todo dia por Einstein, que alonga o seu tempo com sua física relativística. No ditado popular, seria o equivalente de dizer que o dia de Wanderley tem muito mais que 24 horas. Wanderley foi Diretor do Instituto de Biofísica Carlos

Chagas Filho. Fundou com Darcy Ribeiro a Universidade Estadual do Norte Fluminense, da qual foi seu primeiro reitor. Foi duas vezes Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e foi Secretário Executivo do Ministério da Ciência e Tecnologia a convite do Ministro Roberto Amaral e do Presidente Lula.

Entre 2004 e 2006, como Diretor Científico da FAPERJ, pude trabalhar mais diretamente com Wanderley de Souza. Pude constatar que Wanderley combina duas qualidades que raramente estão aliadas: por um lado, é um excelente idealizador e perseverante realizador, mas por outro está sempre aberto a ouvir as sugestões dos seus colegas e fazer mudanças de rotas, algumas vezes contrárias ao que tinha originariamente pensado. Essa grandeza de espírito combinada com todas as outras facetas de sua personalidade o torna o excelente homem público, pronto para servir ao país em qualquer missão em prol da ciência e do desenvolvimento do povo brasileiro.

Mais recentemente, eu e Wanderley nos tornamos fortes parceiros na criação do Centro Nacional de Bioimagem, o CENABIO. Este Centro tem como principal missão juntar, em uma única infra-estrutura física e de pesquisadores, a pesquisa da imagem atômica das macromoléculas com a imagem de estruturas sub-celulares e celulares, e destas com imagens de órgãos de animais experimentais e humanas utilizando técnicas de ressonância magnética nuclear, de ultrassonografia, de tomografia por emissão de pósitrons e de bioluminescência.

Com Wanderley, se aprende a lição cantada no poema “As Coisas” de Mário Quintana:

*“O encanto
sobrenatural
que há
nas coisas da Natureza!
E deixa-me dizer-te em segredo
Um dos grandes segredos do mundo:
-essas coisas que parece
Não terem beleza
Nenhuma
-é simplesmente porque
Não houve nunca quem lhes desse ao menos
Um segundo
Olhar”*

(Mario Quintana, 1906-1994; A cor do invisível; Editora Globo 2005)

BREVE RELATO DO MEU CAMINHO

Também faz parte da tradição do discurso do novel Acadêmico apresentar um pouco de sua biografia. Nasci em 29 de Fevereiro de 1960, em uma segunda-feira de carnaval. Aproveito para pedir desculpas à minha Mãe Janete Lima da Silva, aqui presente, por ter interrompido a folia carnavalesca, um gosto que herdei dela, e que já foi revelado pelo meu amigo Wanderley de Souza. Minha Mãe Janete e meu Pai Hugo Benedito da Silva criaram os três filhos, eu meus dois irmãos aqui presentes, Claudia Terezinha e Hugo Lima da Silva, em uma modesta residência de dois quartos em Coelho Neto, subúrbio da Cidade do Rio de

Janeiro. Meu pai era Sargento da Marinha, do corpo de Fuzileiros Navais. Aproveito para saudar as autoridades da Marinha, aqui presentes e aos Acadêmicos, Almirante Rubem de Andrade Arruda e Almirante Ernani Vitorino Aboim Silva. Meu pai saiu do sertão da Bahia e ingressou na Marinha ainda adolescente, onde ele obteve toda sua formação, valores que foram passados aos seus filhos. Como o meu Pai, minha mãe também teve uma infância dura. Tive dos meus pais uma educação exemplar.

Lembro-me que ainda em idade pré-escolar, minha Mãe me observou brincando de ler o Jornal, o que a levou a me colocar em uma escolinha domiciliar. É patente que a formação de capital humano começa muito antes de a criança chegar à escola, tendo a família um papel crucial no desenvolvimento cognitivo dos seus filhos. Meus pais tiveram essa presciência que insculpiu na minha vida o amor ao conhecimento. Para compensar suas histórias de vida, meus pais procuraram dar aos seus filhos tudo o que não tiveram ou que lhes foi insuficiente. Devido a isso, sempre tive a sensação de que eu nascera numa família que tinha muito valor.

Tive muita sorte e a maior delas foi a de ter no meu curso primário, na Escola Municipal Alípio Miranda Ribeiro, a Professora ANA MARIA que me acompanhou durante todo o curso. A Professora Ana Maria exalava o Amor pelo ensinar. A sua dedicação à profissão foi algo que marcou fortemente a minha alma.

O ingresso na Escola Técnica Federal de Química foi um grande acontecimento na minha vida. Foi quando entrei em contato com o Método Científico propriamente dito. Recordo do Professor Reinaldo, na cadeira de Química Geral, que insuflou em mim o

amor pela Ciência. Pude compreender que o melhor caminho de se chegar às respostas é fazer as perguntas certas e na hora apropriada. No final do curso técnico e às vésperas do vestibular, em 1978, estagiei no Centro de Pesquisas da Petrobrás (CENPES). Essa experiência ampliou meus horizontes e, naturalmente, criou várias dúvidas, mas consolidou a certeza de seguir a carreira científica e médica e para alcançar esta meta, escolhi cursar medicina.

A pesquisa médica me atraía pelo seu valor humanitário e por possibilitar o equilíbrio entre teoria e prática. De fato, o curso médico me permitiu conceber o que Claude Bernard havia concluído em seu livro "Introdução ao Estudo da Medicina Experimental" publicado em 1865:

"Para justificar o nome, um experimentador deve ser ao mesmo tempo um teórico e um prático Nós não podemos separar estas duas coisas: cabeça e mão".

(Claude Bernard, 1813-1878, Introduction à l'Etude de la Médecine expérimentale, 1865)

Em 1979, ingressei na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No mesmo ano, iniciei minhas atividades enquanto estagiário de iniciação científica no Departamento de Bioquímica Médica, liderado na época pelo Professor Leopoldo de Meis, hoje Membro Honorário desta Casa. Conforme já lhes contei, Leopoldo recomendou-me o laboratório do Professor Sérgio Verjovski-Almeida. Encontrei no Departamento de Bioquímica um ambiente de grande estímulo à pesquisa Biomédica, pois sua pedra angular era incentivar jovens, recentemente ingressos na Universidade, para a carreira científica.

O estilo de orientar do Professor Sérgio marcou de forma decisiva a minha carreira. Sérgio me deu um projeto para que conduzisse sozinho, quando eu tinha apenas 19 anos, cabendo-me descobrir os caminhos corretos, mesmo a partir de muitos tropeços. Fornecia-me os ingredientes, mas não a receita. Infelizmente, por compromissos anteriormente assumidos Sérgio, agora Professor Titular do Departamento de Bioquímica da USP, não pode estar conosco essa noite. Aprendi com Sérgio que orientar é uma arte comparável à de lapidar pedras de naturezas diferentes e torná-las brilhantes, mesmo que com cores ou matizes diferentes.

Em janeiro de 1984, ainda como aluno do internato do curso de Medicina, fui aceito no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ, após seleção através de curso de nivelamento.

Ao terminar o curso médico, fui convidado pelo Professor Gregorio Weber para realizar um pós-doutorado no seu laboratório na Universidade de Illinois. A minha estada na Universidade de Illinois de dois anos foi de grande importância tanto para a minha carreira científica quanto pela experiência de vida que lá adquiri. Foi também nesse período que comecei a me interessar pelo estudo da estrutura e dinâmica de vírus e mais especificamente por aqueles de interesse médico. Junto com o Professor Weber, aplicamos os conhecimentos adquiridos com modelos protéicos simples para o estudo de partículas virais, essas sim, bem mais complexas, usando entre outros métodos a alta pressão hidrostática.

Ao regressar ao Brasil, defendi minha tese de doutorado em Março de 1987. O Departamento de Bioquímica, em especial, o Professor Leopoldo de Meis, me proveram com todo o suporte

material e estímulo para o estabelecimento de minhas primeiras linhas de pesquisa como investigador independente.

Os nossos estudos sobre a variabilidade da conformação protéica nos levaram a estudar proteínas envolvidas nas chamadas Doenças do Enovelamento Protéico, como a Doença de Alzheimer, Parkinson, patologias Priônicas, Amiloidoses e mesmo o Câncer. Em particular, considero apaixonante o estudo dos Prions. O príon seria distinto de um vírus por não carregar o material genômico e, até recentemente, se acreditava que esta proteína não teria outros fatores acessórios. No entanto, nosso grupo tem demonstrado a dependência que a proteína do príon apresenta de interagir com moléculas de ácido nucléico não genômico para se converter na sua forma patogênica. Agradeço ao amigo Acadêmico Ricardo Renzo Brentani pelo constante apoio nos projetos com Prions.

Todos os estudos que foram realizados no meu laboratório ao longo destes 23 anos foram realizados em conjunto com estudantes de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, além de colaborações com outros pesquisadores, sem contar a inestimável e valiosa cooperação do pessoal técnico e administrativo. A maior sorte que tive na vida foi ter trabalhado e ainda trabalhar com pessoas brilhantes, encantadoras e que se tornaram grandes amigos. A todos eles dedico toda e qualquer honraria que tenha sido outorgado, em especial a desta noite. Os meus ex-alunos são professores e pesquisadores de diversas instituições de ensino e pesquisa do nosso país e alguns poucos do exterior. Acredito firmemente que a maior missão de um Mestre é conseguir que o Discípulo o supere. Penso que logrei tal missão.

Em uma segunda estadia na Universidade de Illinois, conheci o Professor Jiri Jonas, Diretor da Escola de Química e do Instituto Beckman. Ele me ajudou a acreditar que valia a pena compartilhar a pesquisa e o ensino com cargos de administração acadêmica. Com ele, aprendi que era possível unir a excelência da sua própria pesquisa com um projeto de excelência institucional.

Como Chefe do Departamento de Bioquímica Médica, aprendi muito e acho que os três anos deram-me uma bagagem de experiência de vida inapreciável, o que acabou me levando a outras aventuras administrativas, como a Direção Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ, cargo que ainda ocupo com muito orgulho. Pensar o coletivo parece fácil, mas não o é. Aprendi a torcer pelo Departamento, pelo Instituto, pela Universidade, pelo Estado e pelo País de maneira semelhante ou até com mais garra de como se torce quando se submete um artigo para publicação. A Universidade precisa ter um projeto de excelência acadêmica, mas que seja inclusiva, e que respeite as especificidades, e que acredite no poder de transformação de cada uma das suas Unidades e de cada membro da comunidade universitária.

Também, sob a influência do Professor Jiri Jonas e do Professor Richard Ernst, Prêmio Nobel de Química, me juntei a outros colegas da Universidade para instalar um Centro Nacional de Ressonância Magnética Nuclear de Macromoléculas, o CNRMN. Mais recentemente o CNRMN serviu de modelo para a criação do CENABIO, Centro Nacional de Bioimagens, criado recentemente em parceria com vários colegas, dentre eles o Acadêmico

Wanderley de Souza. Coube ao destino me alçar à cadeira de número 84, que tem como patrono Manoel de Abreu, o grande poeta das imagens de raios-x. Espero que o meu patrono me ilumine na consolidação do CENABIO e de integrá-los às pesquisas clínicas, em parcerias com hospitais do Rio e do país, como o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, o Instituto D'Or e o Instituto Nacional do Câncer.

SOBRE A CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Início esta parte voltando a citar Marcel Proust:

“Se um pouco de sonho é perigoso, não é menos sonho que há de curá-lo, e sim mais sonho, todo o sonho”

Marcel Proust, em “À sombra das Raparigas em Flor” (Em busca do Tempo Perdido; Tradução Mário Quintana; Editora Globo.)

Marcel Proust, filho do proeminente médico Achille Adrien Proust, foi um dos mais célebres escritores do século 20. Ele é considerado por muitos como um escritor melancólico. Mas por trás de suas reminiscências do passado, há um velado otimismo, como no trecho acima. No meu otimismo mais simplório, eu acredito muito no Brasil, talvez pela educação que recebi do meu pai, que era da Marinha, e pela minha Mãe, uma batalhadora. A minha biografia é a prova empírica do poder transformador da Educação e do Conhecimento. Daí, certamente origina-se a minha postura espinosista em acreditar tanto nas pessoas, quanto nas instituições.

Quando em 1992 fui convidado para uma posição permanente na Universidade de Illinois, para ocupar a cadeira do meu Professor Gregorio Weber, encontrei-me diante da necessidade de tomar uma

das decisões mais importantes da minha vida: ser mais um cientista em um país desenvolvido ou retornar ao Brasil e me somar ao grupo ainda reduzido de pesquisadores no País. Os sólidos fundamentos e investimentos (públicos e pessoais) plantados em minha formação foram determinantes na escolha do segundo caminho, do qual jamais me arrependi. A Pesquisa Científica no Brasil, que ainda tem cerca de 500 pesquisadores por milhão de habitantes (incomparável aos quatro a seis mil pesquisadores por milhão de habitantes nos países desenvolvidos), precisa de todos e de cada um de nós.

Tenho tido o privilégio de fazer parte da Diretoria da Academia Brasileira de Ciências, tendo como Presidente, o meu grande amigo e mestre Jacob Palis, que nos honra com sua presença. Constato o quanto o crescimento qualitativo e quantitativo da Ciência nos últimos 20 anos no Brasil só foi possível graças ao espírito público de Mulheres e Homens da Ciência.

Enquanto a atividade de pesquisa científica exige concentração e foco nas questões estudadas, as atividades de gestão e de política científica demandam uma visão do todo e de valorizar todos os atores, do aluno de iniciação científica ao pesquisador graduado e ao empresário empreendedor. O Brasil encontra-se na 13^a posição na produção de artigos científicos indexados, mérito dos pesquisadores e dos órgãos de fomento federais, como a Capes, honrada nesta cerimônia por seu Presidente Jorge Almeida Guimarães, CNPq e FINEP, bem como das Agências estaduais, como FAPERJ, FAPESP e todas as outras fundações estaduais. Mais os desafios ainda são muitos e temos que avançar tanto em termos qualitativos como quantitativos.

Em 2003, ao ser conduzido ao cargo de Diretor Científico da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), busquei usar os ensinamentos dos meus Mestres como princípios norteadores das minhas ações como gestor. O gestor tem a principal missão de aproximar a ciência da sociedade, buscando encurtar o tempo entre as descobertas e suas aplicações, bem como aliá-las a ações de educação e divulgação científicas.

A Diretoria Científica da FAPERJ participa de forma crucial na missão de fomentar as demandas da comunidade científica do Estado do RJ, responsável pela produção de mais de 20% do conhecimento produzido no Brasil. Ao longo desses oito anos, como Diretor Científico da FAPERJ, pude testemunhar a consolidação da Missão de Estado desta Fundação.

Em 2007, tive a honra de ser convidado a continuar no cargo de Diretor Científico pelo Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia, Deputado Alexandre Cardoso, aqui presente nesta noite, e pelo Governador Sérgio Cabral. O Governador fez uma grande demonstração de apoio à C&T no Estado quando garantiu o repasse de 2% da receita líquida para a FAPERJ. Ao longo dos últimos quatro anos e meio, a FAPERJ vem executando um orçamento recorde. Aproveito para agradecer, em nome da comunidade científica, ao Deputado Alexandre Cardoso e ao Professor Ruy Garcia Marques, Presidente da Faperj, por terem consolidado a Missão de Estado da nossa agência em apoiar a Ciência, Tecnologia e Inovação. O meu amigo Ruy Garcia Marques é a grande revelação como gestor de uma agência que já se compara a irmã FAPESP em termos de importância no fomento da

ciência, tecnologia e inovação. Aproveito também para agradecer a todos os meus colaboradores e funcionários da FAPERJ.

Tenho a convicção que os cientistas devem prestar contas à Sociedade, seja através dos resultados diretos da pesquisa, seja através da participação efetiva em instituições, agências e academias que busquem ampliar a inserção da Ciência e Tecnologia na Sociedade. Considero crucial a busca de novos talentos para a Ciência e estimular os jovens pesquisadores para uma carreira de excelência. Temos que encurtar o tempo para o primeiro Prêmio Nobel brasileiro, oxalá em Medicina, e quem sabe a um dos jovens cientistas da audiência.

É curioso observar que hoje como cientista, minhas pesquisas acabaram me levando a tentar responder várias questões fundamentais da Medicina, o que me remetem à missão de um Cientista Médico, que tem que combinar em suas pesquisas desde os problemas mais básicos até as aplicações na Medicina. O Estado da Ciência Médica atual mostra a grande importância da pesquisa translacional exigindo uma grande aproximação da pesquisa básica com a pesquisa clínica. Esta egrégia Academia que congrega a excelência de clínicos e cirurgiões com pesquisadores de ponta é o pano de fundo adequado para discussão de como buscar patamares mais elevados para as Ciências da Saúde.

AGRADECIMENTOS AOS FAMILIARES

Finalizo este discurso agradecendo aos meus familiares. Aos meus pais HUGO BENEDITO DA SILVA e JANETE LIMA DA SILVA, que dedicaram as suas vidas à educação de seus três

filhos, e que continuam incansáveis em ajudar na criação dos netos. Aos meus irmãos, HUGO LIMA DA SILVA E CLAUDIA TEREZINHA. A minha tia SUZETE LIMA DE CARVALHO, que ajudou na minha criação, compartilhando leitura de obras de ficção, fazendo pipas e consertando bolas e peões. Agradecimento que estendo a seu esposo, meu tio AUREOVALDO DE CARVALHO, que tem me auxiliado nas atividades administrativas da Universidade. Aos meus tios MONTEZUMA LIMA E JOSÉ LIMA. Aos meus sogros, ORLANDO DE CARVALHO e ROSITA EDLER CARVALHO, que muito nos ajudam em tudo, e em especial, na atenção aos nossos filhos quando eu e Débora estamos ausentes. Ao meu sogro argentino ALBERTO FOGUEL, grande torcedor das seleções de futebol, brasileira e argentina, e estendo o agradecimento à sua esposa SARITA HELMAN. A meus cunhados MIGUEL NATHAN FOGUEL e CLAUDIO FORTES, bem como a todos os meus sobrinhos e sobrinhas.

Aos meus amados filhos, JULIANA, ESTEVÃO, VITOR E ANA LUISA, pela paciência e compreensão do tempo que lhes é roubado. Mas, quando conseguimos estar juntos, nós nos divertimos muito, ouvimos música, dançamos, assistimos filmes, passeamos em férias, praticamos alguns esportes, e muitas vezes discutimos coisas sérias, inclusive sobre suas escolhas profissionais: Juliana na História; Estevão entre a Química e a Geologia; Vitor, entre a Física e o Cinema. Ana Luisa, a nossa caçula de 13 anos, é a mais resolvida: quer ser Bioquímica igual à Mãe. Agradeço também aos carinhosamente denominados Agregados da casa, MEL e CELSO. Todos nós juntos fazemos uma Grande Família.

Não poderia findar essa oração, sem agradecer à minha querida e amada esposa, DÉBORA FOGUEL, minha grande parceira como Cientista, Esposa e Mãe dos nossos filhos.

Leio, a seguir, um trecho de um poema para Débora, escrito por este amador da poesia:

*“Se com grande galhardia e ternura
Anuncia os saberes extremos
Semi-Deusa em prantos por todas as agruras
Não vacila diante das estradas terrenas*

*À semelhança da Deborah bíblica, Mãe de Israel
Para as questões mundanas e etéreas
Modela os caminhos perdidos com seu sábio cinzel
E ilumina destinos com sua sabedoria feérica”*

Estes versos traduzem o sentimento de que Débora é uma estrela cuja luz própria é intocável. A maior parte da minha biografia científica, eu devo à nossa parceria. O escritor alemão Goethe homenageia as mulheres no início do século 19, em sua novela “Afinidades Eletivas”. Cito um trecho bastante emblemático: “...diferente do Homem, a Mulher está destinada a brilhar sozinha e a atuar sozinha por toda sua vida”.

Hoje, Débora é pesquisadora 1B do CNPq e membro da Academia Brasileira de Ciências. Após quatro anos na Direção do Instituto de Bioquímica Médica, Débora foi agora convidada pelo Professor Carlos Levi, Novo Reitor da UFRJ, que nos honra com

sua presença, a assumir a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao longo destes 23 anos de convivência, eu e Débora aprendemos a conciliar a nossa vida profissional com a familiar.

Em nome da Débora, aproveito para homenagear todas as mulheres.

Senhoras e Senhores Acadêmicos. Agradeço a confiança que me depositaram ao me elegerem, no dia 5 de Maio, Membro Titular desta Academia, Santuário da Medicina brasileira. Espero poder correspondê-los, participando entusiasticamente de todos os temas discutidos nesta academia, sejam técnicos, sejam os de maior abrangência para a prática médica no nosso país. Um mundo globalizado, que cada dia fica mais veloz nas suas mudanças, exige da Academia, especialmente com a participação de um novel acadêmico, o olhar atento para as alterações políticas, econômicas e sociais, especialmente na área da Saúde.

Muito Obrigado.

Rio de Janeiro, 5 de julho de 2011

Jerson Lima da Silva